

Nietzsche: antimoderno, pós-moderno, moderno

Victor Gonçalves*

Resumo: Mais diagnosticador do que profeta, Friedrich Nietzsche avaliou alguns dos múltiplos sentidos do homem e do mundo. Começou por ser antimoderno, crítico irredutível da tradição racionalista e do otimismo moral que lhe está intrinsecamente ligado, em *Die Geburt der Tragödie*. Alguns anos depois, com *Menschliches, Allzumenschliches*, recuperou a cauda do cometa do seu tempo, exercendo um pensamento próximo do paradigma mecânico-positivista, e reprovou os filtros românticos que antes fizeram dele o filósofo do esteticismo wagneriano e da metafísica schopenhaueriana. *Die fröhliche Wissenschaft* e *Also sprach Zarathustra* pontuaram os limites da harmonia pré-estabelecida entre a razão humana e a pretensa estrutura lógica do mundo. *Zur Genealogie der Moral* afastou a ideia dos fundamentos originários, elaborando uma espécie de crítica da contaminação. Mas, ainda que em filigrana, *Jenseits von Gut und Böse* e as obras de 1888 recuperaram, na figura neófito do *Freigeist*, novas decisões de sentido e de ordenação, *sui generis*, do mundo. Propomos, pois, indicar as flutuações no percurso do pensamento nietzscheano acerca da modernidade, que nos seus traços mais visíveis o mostra como um viandante entre a abjuração da modernidade, um dos fundadores, *malgré lui*, da pós-modernidade e, finalmente, *secreto* lançador de uma outra modernidade, ainda não edificada, diga-se.

Palavras-chave: espírito livre, modernidade, pós-modernidade.

* Doutorando em Filosofia Contemporânea pelo Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal. Contato: victorgoncalves2@gmail.com